

## CONSELHOS PARA O BELO SEXO: representações femininas em romances-folhetins (1900-1920)

MARA LÍGIA FERNANDES COSTA\*

**RESUMO:** Os anos que correspondem à virada do século XIX para o século XX, apresentam um cenário cultural no qual, grupos de intelectuais dedicavam-se a uma forma de literatura engajada que se propunha transformadora das ideias e dos costumes, na tentativa de gerar um reordenamento social, por meio do discurso. Não por acaso, o espaço no qual se praticava essa forma de escrita acabou se tornando um lugar privilegiado socialmente. O escritor piauiense Clodoaldo Freitas foi um dos homens dessa geração que abraçou a produção literária como algo integrado à sua vida, desdobrando-se, assim, entre carreira profissional (jurista, político e jornalista) e atuações frequentes no mundo das letras, escrevendo seu nome no rol da fama literária, ao produzir um conjunto numeroso e respeitado de obras na forma de romances-folhetins. E foi justamente essa paixão pela prática da escrita, compreendida como uma forma de se comunicar, orientar e até mesmo de transformar a realidade social, que originou o interesse deste estudo. A meta é analisar a produção discursiva construída acerca da idealização da mulher no conjunto literário Clodoaldo Freitas. Abordamos os discursos sobre os novos papéis da mulher no lar em um tempo em que eram disseminados os avanços do movimento feminista e a luta do acesso das mulheres à educação na imprensa do período. As crônicas, os romances de Clodoaldo Freitas, bem como matérias veiculadas em jornais e revistas de outros sujeitos da imprensa serão as principais fontes para a compreensão da disseminação de representações em torno da mulher.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero. Literatura. Representações.

Nas primeiras décadas do século XX, observamos dentre os discursos da imprensa e dos literatos, uma escrita voltada para o debate em torno dos modelos femininos vigentes naquele período. Nesse sentido, artigos da imprensa emergem como possibilidades de análises desta discussão em torno das imagens femininas, apresentando discursos que ora desenham mulheres como seres divinizados, por exercerem o papel de esposa e mãe, ora por apontarem imagens femininas que fogem ao modelo tradicional. Clodoaldo Freitas<sup>1</sup> também está entre os homens de letras que ingressaram nessa discussão sobre a transformação dos modelos de gêneros, assumindo uma postura que remetia ao conservadorismo. Todavia o literato demonstra, na sua escrita, interesse em defender o direito da mulher de ter acesso à instrução. Nossa intenção não se limita a apenas apresentar perfis femininos, mas compreender como a

---

\* Mestrado em História (UFPI). Professora do Instituto Camillo Filho e da Universidade Estadual do Piauí.

<sup>1</sup> Clodoaldo Severo Conrado de Freitas (1855-1924) bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Recife e teve uma intensa vida profissional destacando-se como jurista, político, jornalista e literato. Ver: CUNHA, 1924; CHAVES, 1998.

escrita daquele período sugere formas de ressentimentos e anseios masculinos, quanto às transformações que culminaram na construção da mulher moderna. Nesse caso, tratamos dos discursos (CERTEAU, 2005) sobre os novos papéis da mulher no lar em um tempo em que eram disseminados os avanços do movimento feminista e a luta do acesso das mulheres à educação na imprensa do período.

Para realizar este estudo, foram escolhidos como objetos de análise artigos veiculados na imprensa da época e os romances *Mãe dolorosa* (1921) e *Queda de um anjo* (1921) escritos por Clodoaldo Freitas. Do mesmo autor, selecionamos também as crônicas Uma desiludida, Um infanticídio e O feminismo, reunidas na obra *Em roda dos fatos*. (1996) Optamos pelos referidos textos literários obedecendo a um critério que contemple o posicionamento do autor frente aos modelos femininos, que se configuravam, naquele dado momento histórico, focalizando os encantos e os receios provocados pelo novo modelo de mulher e destacando igualmente os arquétipos cuja presença era desejada na vida familiar.

A escrita dos literatos do início do século XX revelou o predomínio de uma multiplicidade discursiva das imagens femininas, (COSTA, 2010) entretanto foram os perfis mais próximos aos valores tradicionais que conquistaram um espaço maior dentro do mundo da escrita. Especialmente, para aquelas que estavam voltadas para os papéis relacionados ao âmbito familiar, observa-se uma supervalorização das atividades por elas praticadas. Existiam frequentes tentativas de laurear as esposas e mães como anjos, seres divinos, de moral ilibada e virtudes incontestáveis. A razão para essa exaltação da figura feminina estava no esforço de promover uma delimitação da função da mulher nesse período em que havia uma diluição das fronteiras entre os gêneros. Entre os discursos de autoria masculina, é perceptível esse excesso de elogios, principalmente sobre a maternidade, pensada como um ato de devoção e resignação. O exercício das funções maternas era alçado ao nível de uma superioridade não apenas moral, mas também espiritual, cujo ápice estava localizado no momento da geração dos filhos. *Queda de um anjo*<sup>2</sup> e *Mãe dolorosa*<sup>3</sup> são contos que enfatizam a maternidade como um momento a ser exaltado e valorizado na vida da mulher.

---

<sup>2</sup> Conto publicado pela primeira vez em folhetins no jornal *Correio do Piauí* da cidade de Teresina entre os dias 12 e 14 de dezembro do ano de 1921. Em 2009 foi relançado dentro da coletânea *Um segredo de família e outros*

Na primeira narrativa, Clodoaldo Freitas aborda a história de Madalena, uma moça pobre, abandonada grávida pelo namorado, o Dr. Bernardes, um reputado rapaz da sociedade teresinense. Levada pelo desespero, a rapariga interrompeu a cerimônia de casamento do Dr. Bernardes com outra mulher, para entregar o filho ao seu verdadeiro pai. Para surpresas de todos no recinto, Adélia, a noiva, serenamente, se ofereceu para criar o recém-nascido. Comovida com o gesto, Madalena retira-se da igreja com o filho nos braços. O pai do noivo, o coronel Bernardes foi ao encontro da jovem mãe, acompanhando-a até a sua casa. Inicia-se, então, um diálogo entre os dois que possui como tema central a beleza moral conquistada pela mulher, quando ela se torna mãe. O coronel Bernardes realçou que, até mesmo aquelas que sucumbiram às fraquezas da carne, poderiam alcançar as virtudes adquiridas com a maternidade quando estas dão provas de amor incondicional aos seus filhos. No caso em questão, a moça intencionava sair de Teresina, sua cidade de origem, para assumir sozinha a criação do filho, contudo prometeu ao avô da criança nada contar a ela, para evitar que o menino alimentasse ódio contra o próprio pai.

Aos olhos do autor, Madalena acaba se regenerando, ao assumir a sua condição de mãe, mesmo após ter sido enganada e abandonada pelo namorado. Além deste sofrimento, o próprio reconhecimento da sua fraqueza como mulher apaixonada também é uma forma de reforçar para o leitor a ideia de que Madalena fora apenas uma vítima das mentiras contadas por um sedutor. No desfecho final de *Queda de um anjo*, Bernardes surge, arrependido, para pedir perdão à moça e fazer a ela uma proposta de casamento. Mesmo com a insistência do coronel Bernardes e da própria Adélia, Madalena resiste em aceitar o pedido por se considerar inferior, pois segundo ela sua concorrente teria muito mais predicados a oferecer como noiva por causa da sua beleza, da sua riqueza e da sua família. Nesse ponto da narrativa, Freitas consolida a regeneração moral de Madalena, não deixando dúvidas quanto a sua postura

---

*contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, 2009: 195-202. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

<sup>3</sup> Conto publicado pela primeira vez em folhetins no jornal *Correio do Piauí* da cidade de Teresina entre os dias 15 e 18 de dezembro do ano de 1921. Em 2009 foi relançado dentro da coletânea *Um segredo de família e outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, 2009: 203-212. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

honrada, todavia não concede a ela a conquista da própria felicidade, pois a moça termina falecendo tragicamente vítima de um mal súbito, diante de todos. (FREITAS, 2009: 195-202)

O conto *Mãe dolorosa* também traz a história de uma moça que fora abandonada grávida, tendo, igualmente, Teresina como espaço da narrativa. A protagonista desse enredo é Maria, por quem o personagem narrador acaba se apaixonando, ao se encantar com virtuosidade demonstrada por ela. Antes de condená-la pelos erros cometidos, ele considerou que aquela mulher fora alvo “das fatalidades fisiológicas e das misérias sociais. [Era apenas mais uma] Vítima da covardia de um miserável.” (FREITAS, 2009: 203-212) Enquanto os dois caminhavam à noite pelas ruas de Teresina, Maria confessava a ele os temores íntimos que sentia pela aproximação do dia do parto, ao passo que ele a tranquilizava com declarações de amor e alimentava esperanças de recomeçar a sua vida ao lado dela e do filho que estava para chegar. O sentimento que Maria despertava no narrador era fruto da beleza moral que ela transmitia, ao demonstrar amor por seu bebê e vontade de criá-lo, ainda que sozinha, à custa de trabalho honesto. Nesse sentido, o personagem louva a trajetória de vida de Maria, que, apesar das desventuras sofridas, não era inferior a nenhuma das outras mulheres que conhecia, justamente pela condição que assumia, a de mãe:

*– Olha Maria, a tua mocidade e a tua beleza são a auréola da tua virtude. Tua grande alma, como o cisne branco do poeta, voa sempre por cima da lama dos vícios sem nunca receber um salpico nas suas penas imaculadas. As tempestades não te arrastaram nem te prostraram. Vive e podes andar com a fronte erguida, sempre bem alta entre todas as mulheres, porque és melhor e, por isto mesmo, bendita entre todas elas. (FREITAS, 2009: 206)*

*Mãe dolorosa* termina com a confirmação das angústias de Maria, pois ela morre de parto, no dia seguinte àquela conversa noturna. Muito embora a moça tenha apresentado uma grandeza de espírito, Clodoaldo Freitas segue uma linha na qual a sua escrita se aproxima do estilo pedagógico. Maria havia dado um mau passo na vida, assim, cabia a ela arcar com as consequências de ter um filho sozinha sem o apoio da família e, sobretudo de um marido. A morte de Maria foi o final escolhido pelo autor, para dessa maneira mostrar, às moças de sua época, que o “amor banal, lascivo, vivaz e efêmero” (FREITAS, 2009: 204) poderia trazer a

felicidade de uma paixão, mas que este mesmo sentimento poderia ainda ser capaz de destruir a vida de sujeitos tão frágeis como as mulheres.

A produção ficcional de Clodoaldo Freitas muito se assemelha à escrita de romancistas brasileiros do século XIX. José de Alencar<sup>4</sup> foi um dos principais representantes dessa vertente literária, endereçada a um público leitor específico, formado por jovens solteiras e senhoras casadas, que receberam instrução adequada e viviam em um meio social em que o hábito de leitura era significado como uma expressão de refinamento cultural para ambos os sexos. (RIBEIRO, 2008: 50-51) Escrita por homens e direcionada às mulheres tanto os folhetins como os romances se caracterizavam pelo objetivo pedagógico de seus enredos, ensinando às mulheres dos grupos altos e médios da sociedade o lugar que elas deveriam assumir na sociedade. Os contos *Queda de um anjo* e *Mãe dolorosa* de Clodoaldo Freitas aproximam-se dessa proposta produzida por José de Alencar, em que alguns dos seus personagens femininos – especialmente a prostituta Lúcia em *Lucíola* – (ALENCAR, 1973) precisam passar por um processo de purificação para demonstrar aos seus leitores que, apesar dos erros morais porventura cometidos, a mulher continuava a manter intrinsecamente uma pureza de espírito. Igualmente ao personagem de José de Alencar, as protagonistas de *Queda de um anjo* e *Mãe dolorosa*, mesmo apresentadas como vítimas, precisavam se regenerar publicamente afinal, estavam corrompidas. Nessas condições, a mulher “ao errar não encontra o caminho de volta”, (RIBEIRO, 2008: 98) e mesmo tentando se reabilitar, apenas a morte seria a única solução para expiar exemplarmente suas transgressões.

Toda essa romantização em torno da figura materna é resultante de um processo de transformação da concepção de família. Philippe Ariès (1986) e Elizabeth Badinter (1985) observaram, em seus respectivos estudos, que, especialmente nas sociedades ocidentais, ocorreram tênues transformações acerca da estrutura familiar. Desde o século XVIII, a partir da ascensão da classe burguesa, passou a haver uma drástica redução do número de agregados e da rede de parentesco, delineando-se um perfil de família nuclear, cada vez mais, resumido

---

<sup>4</sup> José Martiniano de Alencar nasceu em Mecejena (CE) no dia 1 de maio de 1829 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro (RJ) em 12 de dezembro de 1877. Foi jornalista, político, advogado, orador, crítico, cronista, polemista, mas ficou conhecido como um dos grandes romancistas brasileiros. José de Alencar iniciou atividade literária através dos jornais *Correio Mercantil* e *Diário* da cidade do Rio de Janeiro. *Lucíola* (1862), *Diva* (1864), *Tracema* (1865) e *Senhora* (1875) são algumas das suas principais obras. Ver: MENEZES, 1978: 15-17.

à presença apenas de pai, mãe e filhos dentro do recinto doméstico. Por sua vez, o surgimento da noção de infância teve início nesse mesmo período, quando se começou a compreender que os primeiros anos de vida de um ser humano mereciam atenção e cuidados especiais, e, simultaneamente surgiram, teses educacionais e médicas voltadas para a infância. Da mesma forma, a maternidade também emergia como uma condição a ser valorizada, enquanto se redobravam a atenção e o cuidado sobre os infantes. O primeiro convívio dos pequeninos no mundo se realiza com a mãe, inicialmente na gestação, em seguida na fase de aleitamento e, por fim, na educação para viver em sociedade. São estas as fases, sobretudo nos primeiros anos de vida, quando a mãe começa a ter sua presença praticamente obrigatória ao lado da criança. Consequentemente, o sentimento materno aperfeiçoava-se, sendo legitimado no âmbito social.

A força desse afeto acaba se traduzindo, também na produção literária do período, que buscou realizar um ordenamento dos papéis a serem assumidos pela mulher dentro da família. A mãe passou a ser significada como um ser divino, tendo a sua condição materna conquistado o status adicional de redentora da mulher. Principalmente dentro da igreja católica, o cotejo entre a mulher e a Virgem Maria começava a se tornar mais frequente, a referida instituição explorava essa comparação de maneira sistemática, para prescrever formas de comportamentos para as mulheres. Dessa maneira, o símbolo mariano se transformava na representação maior da pureza feminina e da maternidade ideal, na qual as mulheres eram convidadas a seguir através de valores, como “o recato, e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios [e] a ação educadora dos filhos e das filhas.” (LOURO, 2000: 447)

Na crônica *Um infanticídio*, Clodoaldo Freitas define com clareza a posição que a mulher ocupa a partir do momento em que assume a condição materna e não rejeita a missão “divina” que a ela foi confiada:

*A criança é a bênção de Deus, santificadora das culpas maternas. A mulher, que é mãe, transforma-se em templo digno de todas as adorações. A maternidade é o prolongamento da obra eterna de Deus, criador, no amor infinito pela humanidade sempre moça e formosa. A criança é o amor.*

*Na sua fraqueza e na sua ignorância, a mãe é uma providência viva, que não descansa e não tem vida própria, embevecida no amor do filho. Esse amor é o laço*

*misterioso que une a alma materna à alma dessa criança, a quem transmite, em carícias, toda a seiva bendita de seu coração, todos os eflúvios de sua alma. O amor de mãe tem alguma coisa de divino, porque se parece com a divindade na extensão, na bondade, na pureza e na infinidade. Quem pode limitar-lhe as expansões e a intensidade? O amor materno é o único sentimento humano que não tem refolhos, não tem egoísmo, não teme sacrifícios, não mede obstáculos. É de todos os afetos o mais universal e tão belo no homem como nos animais. O filho é o paraíso das mães. (FREITAS, 1996: 93)*

O tratamento dado à condição materna progrediu de forma acentuada através dos séculos. Desde os primórdios da família moderna chegando às primeiras décadas do século XX, podemos observar uma divinização da mulher-mãe. Discursivamente, a maternidade deixava de ser pensada apenas como um acontecimento biológico e inerente ao sexo feminino para ser ampliada a uma experiência que enaltecia a função da mulher na sociedade e na família. Por isso, qualquer atividade feminina realizada fora do âmbito doméstico, ou seja, que não envolvesse os papéis de esposa e, sobretudo de mãe, era tratada como “subordinada, assessoria e desviante”. (MATOS, 2005: 50)

Com relação às práticas discursivas acerca dos contramodelos femininos, tanto os jornais quanto o conjunto literário analisados informaram que houve um predomínio dos modelos tradicionais da mulher sobre as imagens femininas transgressoras, como as feministas. No contexto local, não houve registros da mesma efervescência do que em outras partes do mundo acerca do desenvolvimento político de lutas femininas em prol da igualdade de direitos entre homens e mulheres. O chamado feminismo que vinha, desde meados do século XIX, chamando a atenção da sociedade para a inferioridade das condições políticas, sociais, civis e religiosas a que eram submetidas as mulheres, nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, (GAY, 1988; GONÇALVES, 2006) não se reproduziu aqui com a mesma intensidade. Enquanto congressos, passeatas e manifestos agitavam a rotina de grandes metrópoles como Nova Iorque, Paris, Londres e Moscou, em nível regional a imprensa apenas se impressionava com o reboar das militantes sufragistas, que estavam do outro lado do oceano. Nestas paragens, a serenidade predominou entre as poucas mulheres que se habilitavam a participar do mundo da cultura escrita. A exemplo do periódico *Borboleta*, órgão de proposta literária e cultural, criado no ano de 1905 e organizado por três senhoritas da sociedade local, Helena M. Burlamaqui, Maria Amélia Rubim e Alaíde M. Burlamaqui.

Essencialmente entre os artigos publicados por aquele jornal, as lutas dessas patricias concentravam-se em debater o acesso da mulher à educação. A atividade jornalística das jovens que participavam do *Borboleta* era considerada digna de elogios, por parte dos grupos intelectuais masculinos pela “graciosidade” e “delicadeza” com que as distintas senhoritas tratavam de assuntos do âmbito da cultura letrada. Na verdade, a boa receptividade da ação daquelas mulheres como jornalistas está associada à postura por elas adotadas. Em seu estudo, Olívia Candeia Lima Rocha (2007) destacou que a conquista de um espaço feminino na imprensa representava uma articulação entre as ideias apresentadas na imprensa feminina e os discursos socialmente aceitos que tratavam acerca do papel da mulher na sociedade. (ROCHA, 2007: 53-58)

Após serem contempladas com o discurso que incentivava o acesso à educação feminina, as mulheres passaram por um segundo momento no qual se valorizava continuamente a sua importância dentro do lar, mas devidamente ilustrada. Na verdade, o esforço estava em manter e conduzir de volta a mulher para o seio da família, onde como já afirmamos, essa nova mulher executava altivamente a sua missão maior: o cuidado de esposo e dos filhos. O *Borboleta*, em 1906, ressaltava a importância da educação feminina na vida dessas mães de família:

*[...] E quanto é belo uma senhora ilustrada, bem educada e inteligente, dirigir seu lar doméstico. [...] A mulher ignorante não pode ser educadora daqueles que para o futuro hão de exercer importante papel na sociedade. Senhoritas lembrai-vos que a vossa pátria em vós, põe toda a esperança, a fim de que para o futuro possais exercer a nobre missão de educadora, dando à sociedade homens ilustrados que encham de orgulho vosso estremecido Piauí e o nosso caro Brasil. (EM PROL... Borboleta, 1905: 1)*

Os discursos apresentados por parte da imprensa representavam a face atemorizada da participação feminina no espaço público e no mundo do consumo. A possibilidade da presença da mulher nas escolas, nas faculdades e nos empregos assumia a forma de invasão do território masculino, uma ameaça ao monopólio do homem, que se via obrigado a entrar em competição com a mulher. Da mesma maneira que os discursos em prol da função materna funcionavam como táticas para manter a mulher vinculada à família e ao lar surgiam também discursos que ultrajavam a figura feminina, criticando aquelas que buscavam ocupar

espaços fora do mundo doméstico. A intenção desses discursos era valorizar as mulheres que privilegiavam o lar como espaço de exercício dos seus papéis sociais.<sup>5</sup> Sendo assim, a virago acabava se tornando a principal fonte de críticas acerca de uma conduta feminina que não seguia o modelo tradicional de mãe e esposa. Clodoaldo Freitas era um dos literatos que se horrorizavam com os caminhos escolhidos pela mulher moderna. O desinteresse dessas pela família seria uma forma de decadência do feminino. A vontade das mulheres em conquistar espaços tipicamente masculinos seria uma forma de enxovalhar-se publicamente, como explicita o autor na crônica O feminismo:

*Estamos em um tempo em que a mulher entra conosco, resolutamente, na grande peleja da vida e conosco se enxovalha na poeira das estradas, no foro, nas artes, nos hospitais, no comércio e até na política, já não falando nas igrejas, que são o seu elemento predileto.*

*A mulher só tem, hoje, vergonha de ser mãe, ou, pelo menos, a maternidade é a coisa que menos a preocupa, desde que pode alugar amas de leite e amas secas.*

*Tenho, a propósito, teorias antigas e profundamente radicadas no meu espírito. Eu não posso entender a mulher fora do lar. Quando encontro um virago, suponho tratar com um homem como eu, ou, pelo menos, um ser epiceno e desclassificado.*

*Uma Luiza Michel me faz mal aos nervos. Por quê? Não sei. (Grifo nosso)*  
(FREITAS, 1996: 71)

Por que essa rejeição à da mulher que atuava fora do lar? Como explicar esse repúdio às chamadas viragos? Quais são as razões que levaram a esse ressentimento masculino? Uma das formas de entender a postura de Clodoaldo Freitas é conhecer a personalidade por ele citada e que lhe causava tanta aversão. Louise Michel foi uma das figuras feministas mais conhecidas do século XIX. Professora francesa conquistou notoriedade, ao participar de movimentos políticos durante os seus 74 anos de vida. Poetisa e militante anarquista costumava usar vestimentas masculinas e trajes militares, para defender seus ideais em favor da igualdade de direitos para os trabalhadores e a liberdade entre os gêneros. Por diversas vezes, foi presa, passando temporadas na prisão e num exílio político. Seus biógrafos apontam ainda casos amorosos com alguns companheiros militantes e até mesmo com o escritor francês Victor Hugo. (AUZIAS, 2006) Louise Michel era, portanto uma das figuras femininas que

---

<sup>5</sup> Também na cultura popular é possível encontrar discursos que valorizavam uma conduta feminina voltada para a família, em detrimento de comportamentos – a exemplo da vaidade e da sensualidade – que colocavam em dúvida a moral feminina. Ver: GRILLO, 2008. p. 77-99.

conquistaram fama internacional entre os séculos XIX e XX e, que, assim como George Sand, provocava olhares de reprovação até mesmo entre aqueles que eram favoráveis à igualdade de direitos entre os sexos.

A razão para a rejeição desse tipo feminino está na postura subversiva que este representava. Louise Michel atuava com vivacidade no mundo da política, a ponto de ingressar nas lutas anarquistas. Estes fatos por si só eram suficientes para receber críticas, haja vista que o espaço da política era definido como essencialmente masculino. A possibilidade da presença feminina entre os homens gerava apreensões quanto à estabilidade das relações entre os gêneros, pois os conflitos produzidos pela política poderiam colocar homens e mulheres de lados opostos, prejudicando dessa maneira, a manutenção da família. (CASTELO BRANCO, 1996) Nesse sentido, atacar mulheres que invadiam o território masculino era uma forma de desvalorizar as feministas, apontando-as como ameaças reais à família e à sociedade como um todo. (SOIHET, 2007)

Peter Gay percebe os conflitos resultantes dos avanços femininos durante o século XIX como uma disputa entre os gêneros. Na verdade, os temores masculinos em relação à mulher remontam à Antiguidade, mas foi na época vitoriana que este medo se acentuou com maior evidência. A partir do momento em que o feminismo ergueu-se como um movimento que buscava interferir nas legislações que inferiorizavam a condição feminina e tentava quebrar as hierarquias existentes entre os sexos, que privilegiavam, em vários aspectos, o masculino, os homens por sua vez, trataram de minar a luta promovida pelas feministas. Para responder as investidas femininas, a crítica e o escárnio constituíam-se como armas para arrefecer o movimento que buscava, dentre outras coisas, a educação feminina, o divórcio, o sufrágio universal e a igualdade de direitos civis entre homens e mulheres. Desse modo, os escritos que se voltaram contra o feminismo definindo as militantes como “mulheres assexuadas”, (GAY, 2001: 143) seres repulsivos desprovidas de afetividade e de atributos físicos para conquistar um marido, se tornaram frequentes até as primeiras décadas do século XX, demonstrando que os ressentimentos poderiam se tornar em “[...] manobras do inconsciente que convertem pensamentos proibidos ou horripilantes em seus opostos: o sadismo se transforma em pacifismo, o medo de afeminação numa ostentação do machismo”. (GAY, 2001: 147) Em

outras palavras, a ameaça feminina resultava em reafirmações dos papéis sociais: os homens estariam adaptados ao mundo, muitas vezes, sujo, oferecido pelo trabalho e pela política, enquanto que as mulheres eram fisiologicamente incompatíveis para essa rotina. Multiplicavam-se, então, as afirmações sobre aquelas mulheres que demonstravam interesse pelo espaço social oposto nada mais eram do que seres desclassificados e dignos de zombarias.

Para Clodoaldo Freitas, impedir a mulher de ter acesso à educação era um grave equívoco, no entanto, havia um limite quanto às áreas para as quais poderia a mulher expandir seus conhecimentos, pois, acima de tudo, a mulher deveria estar voltada para a família:

*Na poesia e no romance têm aparecido mulheres notáveis, sobretudo no romance. Mas eu não contesto a aptidão das mulheres nem as desejo reclusas estupidamente nos seus gineceus. Não é este o meu pensamento. Quero que a mulher estude e aprenda sem pretensões a ser doutora, sem a vaidade alarmante de querer sair do círculo suave da família, onde deve imperar. Nada de mulheres eleitoras e guerreiras, políticas e santas. (FREITAS, 1996: 72)*

Percebemos que a crônica O feminismo chega a ter um tom de alarme e de assombro, diante das mudanças da sociedade moderna, que, segundo o literato, suscitam a sensualidade, o egoísmo e a vaidade entre os indivíduos, ameaçando diretamente a pureza presente na família. A mulher deveria sim ser educada, mas para cumprir os “deveres” do seu sexo, diretamente relacionados com as funções de esposa e mãe. Fora disso, o feminino deixava de ser reconhecido como tal, para constituir-se em outro gênero – indefinido para alguns dos literatos do período em questão.

Muito embora Clodoaldo Freitas responsabilize os costumes modernos pelo arruinamento da família, o desregramento moral seria intensificado com a visível diluição das fronteiras entre os gêneros, pois, para ele, a “mulher moderna vai-se masculinizando, ao passo que o homem tende a afeminar-se. A inversão de papéis há de produzir a inversão dos costumes e da moral [...]” (FREITAS, 1996: 72) Essa observação do literato está relacionada com uma ação executada pelo masculino e pelo feminino, que consiste na apropriação de aspectos que seriam próprios do sexo oposto. O corpo, os gestos e o comportamento carregam em si atributos que sugerem o pertencimento a um determinado gênero e, por consequência, a

sua sexualidade. Entretanto, a forma como essa definição é configurada deve ser vista dentro de um processo histórico e atravessado por discursos que induzem à compreensão do que seria um homem e do que seria uma mulher. Como realça Guacira Lopes Louro, “[...] Não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura [...]” (LOURO, 2004, p. 81) assim, devemos vislumbrar essa relação construída entre gênero e o corpo de que estamos tratando, pois as considerações feitas sobre esse processo de afeminização e de masculinização dos sexos, criticados por Clodoaldo Freitas seriam resultantes de alterações daquilo que era considerado como normal e socialmente aceito naquele período.

Estudos anteriores apresentaram que os homens sofreram uma acentuação das sensibilidades, permitindo-se adentrar pelas práticas do amor romântico e do amor pela família. (CASTELO BRANCO, 2008) Já as mulheres tiveram a possibilidade de investir em formas de práticas culturais e sociais, que antes eram tolhidas, como o acesso à educação, ao trabalho e às chamadas sociabilidades modernas. Especificamente se tratando do feminino, percebe-se um realce da figura da mulher inserida nos lugares públicos da sociedade. Estando ela na rua, na escola e no trabalho, a mulher aproximava-se cada vez mais de práticas consagradas ao masculino.

A escrita era um dos territórios mais disputados e acima de tudo questionado por causa da presença ou da ausência da figura feminina. Escrever era ainda uma prática legitimamente masculina até meados do século XIX, quando surgiram as chamadas “mulheres escrevinhadoras”, (GAY, 2001: 331) publicando livros dentro de uma esfera familiar. Essas autoras chegavam a ser até mesmo toleradas por parte da crítica literária masculina, uma vez que as mesmas não demonstravam interesse em competir no campo da literatura com os homens. Contudo, essa postura mais comedida não era assumida por todas as mulheres escritoras. George Sand e Louise Michel eram autoras que não só lutavam para fazer parte do mundo das letras como também buscavam ser reconhecidas intelectualmente, além de provocarem perplexidade pelo uso de vestimentas e modos masculinos. Para este tipo feminino, a escrita era considerada como uma prática a ser colocada em primeiro plano em suas vidas e era exatamente essa forma de pensamento que mais incomodava alguns homens

do período, pois essa conduta sugeriria o estabelecimento de uma concorrência direta entre homens e mulheres.

Aquelas mulheres escritoras que conseguiam conquistar seu espaço no mundo das letras recebiam honrarias por suas produções intelectuais, quando a sua função de escritora não superava em importância o lugar que estava destinado às suas respectivas famílias. Nesse caso, é possível apontar como opostos de modelos femininos Maria Amélia Beviláqua<sup>6</sup> e Maria Amália Vaz de Carvalho, colocando-se em franca oposição a Louise Michel e George Sand que assumiam uma postura masculinizada e fora do arquétipo feminino de mãe-esposa.

O que se pode perceber nas produções discursivas dos primeiros anos do século XX é seu caráter orientador e disciplinador das condutas no meio social. No caso específico das mulheres, destinaram-se prescrições para delimitar as suas ações já que o feminino se fazia cada vez mais presente em espaços que eram antes pertencentes ao domínio masculino. A educação e o trabalho eram os maiores motivos de preocupações das escritas masculinas, haja vista que, isso era considerado como algo novo e até mesmo estranho para homens que haviam vivenciado há até pouco tempo uma ordem social que privilegiava uma verticalidade das relações entre os gêneros. Predominava ainda uma hierarquia na qual os homens representavam o domínio sobre os outros membros da família, exercendo um poder e um controle perante esposa, filhos e agregados.

A diversidade dos discursos referentes ao feminino, no período estudado, reflete um momento de transição da definição do que seria e do que se desejava de uma mulher. O declínio dos valores da família patriarcal era recente demais para a aceitação da mulher fora do ambiente doméstico. Apesar das possibilidades trazidas pela cultura burguesa, pela instrução e pelas formas de consumo do mundo moderno prevaleciam ainda discursos que privilegiavam a mulher exercendo o papel de esposa e de mãe. A construção da nova mulher não passava pela ideia de subverter os papéis de gêneros, afinal os homens continuavam a

---

<sup>6</sup> Maria Amélia de Freitas Beviláqua nasceu em 6 de agosto de 1863 na cidade de Jerumenha (PI) e faleceu no dia 17 de novembro de 1946. Romancista, contista, ingressou no círculo literário com o apoio do marido, o jurista Clóvis Beviláqua. Se tornou a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Piauiense de Letras e a primeira a se candidatar a uma vaga na Academia Brasileira de Letras. Principais obras: *Alcione* (1902), *Aspectos* (1905), *Através da vida* (1906), *Silhouettes* (1906), *Literatura e Direito* (1907), *Vesta* (1907), *Angústia* (1913), *Açucena* (1921), *Impressões* (1929), etc. Ver: COUTINHO; SOUSA, 2001: 351.

serem considerados chefes de família e as mulheres ainda seriam pensadas prioritariamente exercendo as funções de “esposa-mãe-dona-de-casa”. Na verdade, as mudanças observadas não são estruturais, mas remetem à forma como o papel da mulher poderia ser executado.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. *Lucíola*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1973.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- AUZIAS, Claire. Louise Michel. *Verve: Revista Semestral do NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária/ Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, PUC-SP, São Paulo*, n. 10, p.101-108, out. 2006.
- BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina em Teresina na Primeira República*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1.
- CHAVES, Joaquim. (Mons.) Clodoaldo Severo Conrado de Freitas. In: CHAVES, Joaquim. (Mons.) *Obra completa*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 552-555.
- COSTA, Mara Lúcia Fernandes. *A escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. 162f. Programa de Pós-Graduação em História do Brasil (Dissertação). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.
- COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. (Dir.) *Enciclopédia da literatura brasileira*. São Paulo/Rio de Janeiro: Global/ Fundação Biblioteca Nacional/ DNL/Academia Brasileira de Letras, 2001. v. 1.

CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas (sua vida e sua obra). *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, n. 8, p. 28-54, dez 1924.

EM PROL da educação. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 16, 29 dez. 1905. p. 1.

FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

FREITAS, Clodoaldo. Mãe dolorosa. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. p. 203-212.

FREITAS, Clodoaldo. Queda de um anjo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. p.195-202.

GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da Rainha Vitoria a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v. 3.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. A guerra dos sexos: preconceitos e estereótipos na literatura de cordel (1900-1940). In: NASCIMENTO, Alcileide Cabral do; GRILLO, Maria Ângela de Faria. (Org.). *Cultura, gênero e infância: nos labirintos da História*. Recife: Editora da UFPE, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 447.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de emoções: corpos, subjetividade e sensibilidades*. Bauru: EDUSC, 2005.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

RIBEIRO, Luís Felipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária/ Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ROCHA, Olívia Candeia Lima Rocha. *Lugares, saber e poder: apropriação feminina sobre as práticas discursivas entre 1875-1950*. 2007. 139 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de *O Pasquim*: mulheres e a luta pelo controle do corpo. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 39-53, jan. jun. 2007.